

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Cinema e Conrad, Conrad e o Cinema
6 e 8 de Março de 2025

OUTCAST OF THE ISLANDS / 1951

Os Desterrados do Arquipélago

um filme de Carol Reed

Realização: Carol Reed / Argumento: William Fairchild, baseado no romance *Outcast of the Islands*, de Joseph Conrad / Fotografia: Edward Scaife, John Wilcox / Montagem: Bert Bates / Música: Brian Easdale / Com: Ralph Richardson (Capitão Tom Lingard, Trevor Howard (Willems), Robert Morley (Elmer Almayer), Wendy Hiller (Mrs. Almayer), Kerima/Miriam Charriere (Aissa), George Coulouris (Babalatchi), Tamine (Tamine), Wilfrid Hyde-White (Vinck), Peter Illing (Alagappa), Betty Ann Davies (Mrs Williams), Frederick Valk (Hudig), A. V. Bramble (Badavi), Marne Maitland (imediato).

Produção: London Film Productions (Reino Unido) / Produtor: Carol Reed / Cópia: em Blu-Ray, preto e branco, legendada electronicamente em português / Duração: 100 minutos / Estreia comercial: 18 de Janeiro de 1952, Reino Unido / Primeira exibição na Cinemateca.

Adaptação do segundo romance de Joseph Conrad, **Outcast of the Islands**, o filme de Carol Reed que assume o mesmo nome que o livro escrito em 1886, conduz-nos a uma viagem ao início da obra literária de Conrad, permitindo-nos constatar como o escritor desenvolveu um universo extremamente coerente, já presente nas suas primeiras narrativas que em grande parte partiram da sua experiência pessoal no mar. Este era o segundo livro em que surgia uma personagem recorrente na sua obra, o capitão Tom Lingard, que aqui é traído pelo seu antigo protegido, Peter Willems, cuja primeira aparição teve lugar em *Almayer's Folly* (1895), a obra de estreia de Conrad, e voltará a comparecer em *The Rescue* (1920), livros que, como *Outcast of the Islands*, foram por várias vezes transpostos para o cinema. Para citar apenas o primeiro, mostraremos neste ciclo duas conhecidas adaptações, a de Vittorio Cottafavi e a de Chantal Akerman (no próximo mês).

Em **Outcast of the Islands**-filme Peter Willems é Trevor Howard, um homem de moral duvidosa que, procurando escapar a um escândalo por si criado noutras paragens, encontra refúgio numa ilha remota para onde é levado pelo seu antigo protector, Lingard, cujo papel relativamente discreto cabe aqui a Ralph Richardson. Willems trairá também aqueles que o acolhem, entre eles Almayer (Robert Morley), que gere o comércio local e tem aqui também nova aparição no universo de Conrad, e os habitantes da região, seduzindo ao mesmo tempo Aissa (Kerima), a filha do

chefe tribal. Filmado parcialmente em exteriores, em que Borneo é representado por Ceilão (hoje o Sri Lanka), tal opção acrescenta um forte suplemento de realismo a **Outcast of the Islands**. As filmagens no Oriente foram possíveis devido ao sucesso do **The Blue Lagoon**, de Frank Launder, rodado também em exteriores nos confins da Ásia, o que permitiu que Alexander Korda e a London Film Productions, conseguissem angariar financiamento para o filme de Reed. As restantes filmagens tiveram lugar nos famosos Shepperton Studios, em Inglaterra.

Se o livro foi durante muito tempo desvalorizado face à obra de Conrad, o filme também nunca foi considerado uma das melhores adaptações do universo do autor ao cinema, mas, visto várias décadas depois da sua realização, é indiscutível que encontramos aqui a mesma romantização do ambiente da selva e dos seus habitantes, que encontraremos mais tarde em *Heart of Darkness*, e um olhar sem concessões sobre uma personagem que se perde no meio de um universo que lhe é estranho, que reflecte e amplia a sua condição interior.

Trevor Howard encarna assim uma personagem excessiva, tão característica do universo conradiano, alguém que progressivamente enlouquece e que é condenado ao isolamento e ao exílio. que contrasta com a personagem de Robert Morley e encontra o complemento perfeito na presença de Kerima, no papel da silenciosa Aissa. Uma representação complexa de uma personagem-limite que não é completamente conseguida. Aissa (ou Kerima, cujo nome de baptismo era Miriam Charriere, e foi renomeada devido a um óbvio suplemento de exotismo) desempenha um papel extremamente importante, que lhe valeu muitos elogios na época, destacando-se hoje com frequência a força da sua personagem num mundo masculino. Leitura semelhante tem sido feita face à protagonista do primeiro romance de Conrad, que surge como mais um exemplo do investimento de Conrad nas personagens femininas. Para tal Aissa não necessita tomar a palavra (é notória a ausência da linguagem verbal no seu caso). É na conjugação do seu poderoso olhar, com a delicadeza e estranheza dos seus gestos que tudo se joga. O seu silêncio contrasta com o comportamento de Willems, mas sobretudo com o histrionismo da família Almeyer.

Como escreveu David Thomson “A história não tem muita acção. É uma obra de ambientes, e acho que Reed estava a fazer uma adaptação muito bem-sucedida para uma nova forma de ver o cinema – como uma forma de revelar as personagens e uma atmosfera.” Trata-se realmente de um filme de atmosferas, que, não conquistando a densidade almejada, atinge um notório efeito. Monte Hellman num número especial dos *Cahiers du cinéma* dedicado às emoções fortes no cinema (“L’émotion qui vous hante”), não hesitou em citar o filme e a presença de Kerima, como um caso paradigmático dessa mesma “emoção”, referindo o conflito entre uma “sexualidade primária” e as “inibições da civilização”, ou “o poder desse extraordinário rosto no cinema.”

Joana Ascensão